

INTER-LEGERE

DIÁLOGOS (IM)POSSÍVEIS?: INTERSECÇÕES ENTRE SEXO, CORPO,
SEXUALIDADE E CIÊNCIA

Igor Fidelis Maria
Marcus da Silva Ferreira
Tarcísio Dunga Pinheiro

**DIÁLOGOS (IM)POSSÍVEIS?: INTERSECÇÕES ENTRE SEXO, CORPO,
SEXUALIDADE E CIÊNCIA**

**IMPOSSIBLE DIALOGUES?: INTERSECTIONS BETWEEN GENDER,
BODY, SEXUALITY AND SCIENCE**

Igor Fidelis Maia¹
Marcus da Silva Ferreira²
Tarcísio Dunga Pinheiro³

RESUMO

As intersecções entre sexo/corpo/sexualidade e ciência constituíram, ao longo do tempo, a criação de um arcabouço de verdades quase absolutas. Os aparatos médico-científicos elaboraram uma verdadeira engenharia social que tem norteado práticas e condutas que, na maioria das vezes, utilizam critérios patológicos e diagnósticos para fazer alusão a comportamentos meramente subjetivos e sociais. Partindo desse pressuposto, o cerne do presente ensaio centra-se em refletir acerca das verdades absolutas que a(s) ciência(s) imputaram/imputam às práticas sociais, sobretudo as corpóreas e sexuais, atentando para outras possibilidades de se pensar os corpos, os sexos, as corporeidades e as sexualidades. Para tanto, num primeiro momento, iremos nos centrar em fazer uma análise crítica da ciência enquanto paradigma dominante da modernidade para, em seguida, demonstrar como essa mesma ciência construiu um leque de verdades imutáveis sobre o corpo e sexo, enfatizando a construção teórica do dispositivo da sexualidade foucaultiano. O cartesianismo dos discursos acadêmicos que envolvem a temática do corpo,

¹ Doutorando em Ciências Sociais na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduado e Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pesquisa a produção da subjetividade entre usuários do psicofármaco Ritalina. E-mail: igorfmaia@yahoo.com.br

² Graduado e Mestrando em Ciências Sociais pela UFRN. Pesquisa a produção artesanal de sintetizadores e a troca de informação e construção coletiva de conhecimento mediada pela internet.

E-mail: marcus-sf@hotmail.com

³ Doutorando e mestre em Ciências Sociais pela UFRN. Membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos em Diversidade Sexual, Gênero e Direitos Humanos – Tirésias/UFRN e da Divisão de Estudos sobre Políticas e seus espelhos – DESPE/UESC, na linha de pesquisa de Gênero, Sexualidades, Homofobia e Cidadania LGBT. E-mail: tarccisio@gmail.com

INTER-LEGERE

DIALOGOS (IM)POSSÍVEIS?: INTERSECÇÕES ENTRE SEXO, CORPO,
SEXUALIDADE E CIÊNCIA

Igor Fidelis Maria

Marcus da Silva Ferreira

Tarcísio Dunga Pinheiro

sobretudo nas humanidades, será abordado a partir das contribuições do antropólogo Edgard de Assis Carvalho. Com o intuito de exemplificar a maneira como a ciência patologiza na contemporaneidade as sexualidades tidas como dissidentes, iremos nos ancorar nos critérios diagnósticos do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais.

Palavras-chave: Ciência. Corpo. Gênero. Sexualidade.

ABSTRACT

The intersections between sex/body/sexuality and science constituted, over time, creating a structure of almost absolute truths. The medical and scientific apparatus developed a true social engineering that has guided practices and conduct that, in most cases, using pathological criteria and diagnoses to make reference to merely subjective and social behavior. Based on this assumption, the core of this essay focuses on reflecting on the absolute truths that science ascribed / impute to social practices, particularly to bodily and sexual, paying attention to other ways of thinking about the bodies, sexes, the corporeality and sexualities. For this, at first, we will focus on a critical analysis of science as the dominant paradigm of modernity to then demonstrate how this same science has built a range of immutable truths about the body and sex, emphasizing the theoretical construction of the device Foucault's sexuality. Cartesianism of academic discourse involving the theme of the body, especially in the humanities, will be covered from the contributions of anthropologist Edgard de Assis Carvalho and, in order to illustrate how science pathologizes in contemporary sexualities regarded as dissidents in will anchor in the diagnostic criteria of the diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders.

Keywords: Science. Body. Gender. Sexuality.

QUANDO O ASSUNTO É CIÊNCIA, NEM TUDO SÃO LUZES

É fato que na transição da idade média para a idade moderna, nos séculos XVII e XVIII, o Iluminismo firmou-se como sendo o principal movimento intelectual do período. Desde então, a ciência configurou-se como o paradigma dominante da modernidade e as “luzes da razão” provenientes da virada paradigmática estabeleceram um cabedal de descobertas, respostas, inovações e técnicas. Outrossim, as benesses da ciência tornaram-se indiscutíveis, sobretudo na era tecnológica, na qual os avanços são cada vez mais velozes e líquidos.

INTER-LEGERE

DIÁLOGOS (IM)POSSÍVEIS?: INTERSECÇÕES ENTRE SEXO, CORPO,
SEXUALIDADE E CIÊNCIA

Igor Fidelis Maria

Marcus da Silva Ferreira

Tarcísio Dunga Pinheiro

Entretanto, é necessária uma reflexão crítica sobre as outras interfaces da ciência. Em *Via sem saída?* (1992), Cornelius Castoriadis tece algumas considerações acerca da relação entre o saber e o poder da humanidade moderna. A linha de raciocínio do autor se debruça em ratificar que, na verdade, não há nenhuma relação, e sim um poder da ciência e tecnociência modernas. Esse poder é anônimo, irresponsável, incontrolável e gera, conseqüentemente, uma passividade compulsória nos humanos. De acordo com Castoriadis, os benefícios incutidos na ciência escamoteiam, mais do que podemos imaginar, o seu lado perverso. Afinal, muitas vezes, os enigmas da física, as demonstrações matemáticas e as relações do sistema nervoso são supervalorizados em detrimento, por exemplo, da contemplação de uma peça de teatro, ou da leitura de um livro de poesias, ou mesmo da singularidade de ouvir uma boa música. Os artefatos intelectuais do filósofo inferem que o que realmente está em jogo é uma hierarquia presente no núcleo do imaginário ocidental moderno que abarca não somente um domínio racional e impessoal, mas uma conjectura social cada vez mais in-humana. Sheldrake (2014, p. 14), em *Ciência sem dogma*, aproxima-se dessa ideia de in-humanidade quando reitera que “a ciência está sendo refreada por pressuposições seculares que se enrijecem em dogmas. A ciência estaria melhor sem eles: mais livre, mais interessante e mais divertida”.

A CONSTRUÇÃO DAS VERDADES SOBRE OS CORPOS E OS SEXOS

A mesma racionalidade científica apontada por Castoriadis é evocada, embora por um prisma analítico diferente, pelo filósofo francês Michel Foucault, quando constrói uma linha de raciocínio que pretende delimitar o que ele denominou de dispositivo da sexualidade. “Dispositivo”, nas palavras de Foucault, pode ser definido como

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições

INTER-LEGERE

DIALOGOS (IM)POSSÍVEIS?: INTERSECÇÕES ENTRE SEXO, CORPO,
SEXUALIDADE E CIÊNCIA

Igor Fidelis Maria
Marcus da Silva Ferreira
Tarcísio Dunga Pinheiro

filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (FOUCAULT, 2000, p. 244).

São esses discursos institucionais, presentes mais enfaticamente nas instituições médico-científicas e jurídicas, que norteiam o núcleo do raciocínio foucaultiano. Para ele, através de mecanismos de sanção e proibição, a ciência instituiu subsídios para ela própria manipular o sexo e as práticas sexuais, sendo esse um dos pilares que fundamentam o que o filósofo nomeia de “dispositivo da sexualidade”. Desse modo, indica que “o instinto sexual foi isolado como instinto biológico e psíquico autônomo; fez-se a análise clínica de todas as formas de anomalia que podem afetá-lo; atribuiu-se-lhe um papel de normalização e patologização de toda a conduta; enfim, procurou-se uma tecnologia corretiva para tais anomalias” (FOUCAULT, 2007, p. 100).

De maneira sucinta, o que Foucault postula com a definição do dispositivo da sexualidade é que uma série de subterfúgios passa a ser demarcada para a constituição das “verdades institucionais” que molduram o sexo e a sexualidade. Nesse contexto, desvela a lógica em que se esmera essa configuração: mais do que diagnosticar o que é ou não patológico, o norte da discussão atinente ao dispositivo da sexualidade está calcado em imputar à ciência o que pode ou não ser classificado como “sexo”.

Nessas estratégias, de que se trata? De uma luta contra a sexualidade? De um esforço para assumir seu controle? De uma tentativa de melhor regê-la e ocultar o que ela comporta de indiscreto, gritante, indócil? De uma maneira de formular, a seu respeito, essa parte de saber que poderia ser aceitável ou útil, sem mais? De fato, trata-se antes da própria produção da sexualidade [...]. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 2007, p. 100).

Nesse ponto, há uma intersecção entre as ideias de Castoriadis e Foucault. Os dois filósofos coadunam a necessidade de se complexar o fato de que a ciência

INTER-LEGERE

DIÁLOGOS (IM)POSSÍVEIS?: INTERSECÇÕES ENTRE SEXO, CORPO,
SEXUALIDADE E CIÊNCIA

Igor Fidelis Maria

Marcus da Silva Ferreira

Tarcísio Dunga Pinheiro

possui várias faces, mas nem todas são positivas. Nesse ínterim, além de se observar a maneira como a ciência agencia dispositivos externos a ela, é válido pensar em como internamente existe uma complexa hierarquização dos rizomas científicos. Uma maneira de ilustrar essa afirmativa está situada na divisão perceptível entre as ciências exatas e humanas, que consideram que a capilarização dos saberes, muitas vezes com pouca ou nenhuma complexificação, é a melhor saída para a construção do conhecimento.

O corpo, tema do presente ensaio, foi – e continua sendo – abordado nas ciências naturais apenas como realidade biológica. A estrutura fisiológica quase sempre se sobrepôs às noções culturais, sendo essa uma consequência direta da estrutura binária natureza *versus* cultura. Em contrapartida, as ciências humanas deram prioridade às relações sociais, deixando num segundo plano as sensações, pulsações e desejos.

QUAIS OS POSSÍVEIS DIÁLOGOS DO CORPO?

Em seu texto “Diálogos de corpo”, presente no livro *Cultura e pensamento complexo*, o antropólogo Edgard de Assis Carvalho aborda questões envolvendo o corpo e as chamadas ciências humanas. Para o autor, as ditas humanidades priorizam as relações sociais e ignoram os sentidos, as paixões e tudo aquilo que passa pelo corpo. Tal prioridade às relações sociais advém da velha separação cartesiana entre corpo e mente, sendo a mente o sujeito pensante da ciência e o corpo um objeto a ser estudado.

Na realidade, é o corpo o fator que une e põe em movimento os sentidos e as paixões, os pensamentos e as pulsões. Tais relações têm escapado às análises científicas, as quais, quando abordam o corpo, acabam por isolá-lo, tratando-o como um objeto sem vida. Trata-se de uma prática comum à ciência e que o pensamento complexo visa superar: a separação e simplificação das questões a serem abordadas.

INTER-LEGERE

DIÁLOGOS (IM)POSSÍVEIS?: INTERSECÇÕES ENTRE SEXO, CORPO,
SEXUALIDADE E CIÊNCIA

Igor Fidelis Maria
Marcus da Silva Ferreira
Tarcísio Dunga Pinheiro

Entendemos que a grande contribuição do texto de Carvalho vai em direção de uma religação entre o corpo e a mente, que torna possível um pensamento encarnado e complexo. Parece-nos que a grande inspiração para essa virada corpórea no pensamento do antropólogo se deu após um grave acidente que sofreu – relatado no livro *Virado do avesso* (2005) – e que o deixou incapacitado de trabalhar até a sua recuperação, mesmo que, sendo ele um intelectual, seu trabalho fosse, supostamente, movido unicamente pelo pensamento. A respeito da longa e árdua recuperação, Edgard nos diz: “Vagarosamente, o corpo passa a perceber que pode – e deve – regenerar-se para que a mente volte a trabalhar” (CARVALHO, 2009, p. 128). É interessante observarmos aqui alguns dos diálogos corporais que o autor propõe.

Expondo o protagonismo do corpo em diversas situações, Carvalho traz alguns verbos que utiliza como mote para suas reflexões: o corpo movimenta, varia, imagina, perverte, recria, iguala, padece, pode, narra, suporta e reconcilia. O corpo *varia*: nenhum corpo é igual ao outro, e ele é sempre incompleto, mesmo para alguém que possui todos os membros, pois há sempre o que aprimorar, há sempre novas capacidades por desenvolver. As variações do corpo também dizem respeito às pessoas com diversidade funcional, aquelas que de fato perderam membros, ou tiveram o funcionamento destes modificados de alguma maneira. O corpo dessas pessoas *pode*, é capaz de acostumar-se com intervenções externas, na forma de próteses, remédios ou suplementos, visando corrigir ou diminuir o ônus da incompletude, mas também para desenvolver novas maneiras de ser corpo.

O corpo também é capaz de recriar a si mesmo de diversas maneiras. Um dos exemplos citados é o do homem transexual estadunidense Thomas Beatie, que, nascido com corpo de mulher, recriou-se, assumindo um corpo de homem, exceto pelo aparelho reprodutor, que, no seu caso, é feminino. Ao descobrir que sua parceira, uma mulher não transexual, era incapaz de engravidar, Beatie resolveu ele mesmo carregar seus filhos, a partir de inseminação artificial. As reações a tal notícia foram diversas: aqueles que defendem todas as variações corpóreas

INTER-LEGERE

DIÁLOGOS (IM)POSSÍVEIS?: INTERSECÇÕES ENTRE SEXO, CORPO,
SEXUALIDADE E CIÊNCIA

Igor Fidelis Maria

Marcus da Silva Ferreira

Tarcísio Dunga Pinheiro

comemoraram; já alguns setores da comunidade gay consideraram a situação um retrocesso na luta pelo direito à adoção por casais homoafetivos.

A pior reação veio de um setor das ciências médicas. Para a Associação Americana de Psicologia (APA), Beatie possui uma grave disforia de gênero, que o tornaria incerto a respeito da sua própria sexualidade. A transexualidade ainda consta no manual de diagnósticos da APA, uma instituição que parece remeter ao tempo em que havia um controle estrito do corpo, visto como *perverso*, tal como na era vitoriana abordada por Michel Foucault. À parte a APA, Edgard afirma que, na virada do século XXI, a sociedade estava mais aberta aos usos não heterossexuais do corpo. Cada vez mais, é possível fazer o que quiser com ele, desde que haja consenso entre as partes envolvidas.

Nesse sentido, é válido observarmos, levando em consideração que o corpo é uma totalidade aberta e capaz de se reinventar, as diversas experimentações que ele pode realizar no que tange à sexualidade visando “redefinir sua posição no mundo” (CARVALHO, 2009, p. 127).

SOBRE A CRÍTICA À MATERIALIDADE ESTÁTICA DO CORPO

Na conferência “Cuerpos Inapropiables” (2014), a teórica *queer* espanhola Beatriz Preciado realiza uma genealogia crítica do útero, afirmando de forma bastante radical que o corpo não existe. Isso significa que a *tese* que proclama o corpo como homogêneo ou em uma “totalidade integrada” está equivocada e precisa ser desconstruída para compreendê-lo enquanto uma *ficção política viva* dependente de determinadas relações entre poder, saber e técnicas do corpo. A filósofa utiliza o conceito de *somateca* para dar conta dessas ficções que rondam o corpo e retiram dele um estatuto ontológico, pré-cultural, para fabricá-lo biopolítica e performativamente.

O sexo é pensado, nessa perspectiva, como produto de tecnologias sociais que incitam a produção de corpos binários e operam fragmentações e divisões políticas entre os próprios órgãos, identificando apenas alguns enquanto sexuais,

INTER-LEGERE

DIALOGOS (IM)POSSÍVEIS?: INTERSECÇÕES ENTRE SEXO, CORPO,
SEXUALIDADE E CIÊNCIA

Igor Fidelis Maria

Marcus da Silva Ferreira

Tarcísio Dunga Pinheiro

em vez de uma sexualização completa do corpo. Atribui-se a determinados órgãos um caráter privilegiado em detrimento de outros, por exemplo: o cu, nessa economia subjetiva do corpo, possui um papel meramente excretor, considerado abjeto, enquanto o pênis é entendido como sinônimo de potência e considerado um órgão sexual e reprodutivo. A vagina é compreendida apenas para a reprodução, a boca para a digestão e o resto do corpo perde a sua potencialidade sexual para assumir um estatuto específico. Esse cuidado com o corpo é aos poucos performativamente incorporado, como no caso das meninas que, coercitivamente, vão aprendendo que devem ficar com as pernas fechadas para não “mostrar demais” ou ter nojo da menstruação. A vagina parece ser um órgão que em algumas situações demanda ocultamento, e as suas secreções, a vergonha, repulsa.

De fato, a tecnociência na contemporaneidade frequentemente interfere e modifica a própria estrutura biológica do corpo (hormônios, plásticas, cirurgias de transgenitalização etc.). A esse respeito, Preciado delinea de forma minuciosa os processos de construção do corpo:

A nova biotecnologia está ancorada, trabalha simultaneamente sobre os corpos e sobre as estruturas sociais que controlam e regulam a variabilidade cultural. De fato, é impossível estabelecer onde terminam «os corpos naturais» e onde começam as «tecnologias artificiais»: os ciber-implantes, os hormônios, os transplantes de órgãos, a gestão do sistema imunológico humano no HIV, a web etc., não são se não alguns exemplos entre outros (PRECIADO, 2002, p. 127, tradução nossa)⁴.

Um dispositivo tecnocientífico de grande influência na contemporaneidade no que diz respeito ao controle dos corpos é o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM). Entendemos ser de grande importância analisar tal manual e sua presença na sociedade contemporânea para observarmos a capacidade da ciência de definir o que é um corpo normal e o que não é.

⁴ La nueva biotecnología está anclada, trabaja simultáneamente sobre los cuerpos y sobre las estructuras sociales que controlan y regulan la variabilidad cultural. De hecho, es imposible establecer donde terminan «los cuerpos naturales» y donde comienzan las «tecnologias artificiales»: los ciber-implantes, las hormonas, los transplantes de órganos, la gestión del sistema inmunológico humano en el VIH, la web, etc., no son sino algunos ejemplos entre otros (PRECIADO, 2002, p. 127).

INTER-LEGERE

DIÁLOGOS (IM)POSSÍVEIS?: INTERSECÇÕES ENTRE SEXO, CORPO,
SEXUALIDADE E CIÊNCIA

Igor Fidelis Maria
Marcus da Silva Ferreira
Tarcísio Dunga Pinheiro

DOS MECANISMOS CIENTÍFICOS DE PATOLOGIZAÇÃO

O DSM é o principal documento produzido pela Associação Americana de Psiquiatria (APA), no qual se define o que pode ser considerado um transtorno mental. Foi publicado desde 1952 por essa associação e se encontra atualmente na quinta edição, sendo utilizado amplamente pelos psiquiatras e outros profissionais da área de saúde mental. Embora tenha como destinação fundamental a classificação dos transtornos, o que é singular nesse livro é que ele não se restringe ao campo da medicina, possuindo também influência em diversos âmbitos, como companhias de seguro, indústrias farmacêuticas, setores jurídicos, dentre outros espaços. Uma de suas principais características é a pretensão de elaborar um texto neutro e a-teórico, porém podemos desconstruir essa aspiração à neutralidade e perceber o seu caráter normalizador, por exemplo, no fato de que a homossexualidade era considerada uma doença até 1986 e a transexualidade continua sendo considerada uma patologia.

As experiências trans⁵ estão nesse manual desde 1980 e são consideradas enquanto enfermidades passíveis de tratamento psiquiátrico, embora na última edição tenha havido modificações que tentam reduzir esse estigma. A sua inclusão no DSM fez parte de um processo de acúmulo de pesquisas que tiveram como meta explicar, através de uma perspectiva patologizante, quais eram as causas dessa experiência e os meios mais adequados de tratamento. A socióloga brasileira Berenice Bento, em seu livro *A reinvenção do corpo* (2006), produziu uma análise profunda desse conjunto de pesquisas e se utilizou do conceito foucaultiano de dispositivo para nomear essa estrutura de saber-poder que afeta diretamente a vida das pessoas trans que reivindicam um tratamento hormonal e cirúrgico. Não é à toa que essa experiência é patologizada com respaldo científico desde 1980, pois esse fato advém de várias discussões e disputas intelectuais que já ocorriam décadas

⁵ O termo trans pode compreender uma pluralidade de expressões de gênero, como mulheres e homens trans, travestis, pessoas não binárias, *drag queens* etc.

INTER-LEGERE

DIÁLOGOS (IM)POSSÍVEIS?: INTERSECÇÕES ENTRE SEXO, CORPO,
SEXUALIDADE E CIÊNCIA

Igor Fidelis Maria
Marcus da Silva Ferreira
Tarcísio Dunga Pinheiro

antes da publicação do DSM III e que foram responsáveis por produzir o que Bento chama de dispositivo da transexualidade.

Podemos perceber, a partir desse caso, a enorme influência da psiquiatria nas vidas dos sujeitos ao redor do globo, nesse caso definindo que determinada experiência identitária, que já sofre uma série de outras violências, deve estar presente num manual que lista os transtornos mentais. Esse fato faz com que um conjunto de regulações do saber médico se debruce sobre essas pessoas, minando a sua autonomia e limitando as suas decisões sobre as intervenções em seus próprios corpos.

Fazer com que essas expressões sejam consideradas uma enfermidade é reafirmar as normas de gênero e a determinação das identidades por um referente biológico. A psiquiatria reproduz nesse texto o discurso hegemônico de um gênero de verdade, em oposição àqueles que fizeram a transição entre o gênero socialmente definido e o identificado. Essa experiência obviamente não é a única forma de subverter as normas de gênero, mas é atingida intensamente pelo saber científico, por solicitar intervenções que são monopólio dos profissionais da saúde. Concordamos com Bento (2006, p. 229) quando afirma que esse é “um dos mais dramáticos exemplos de autoridade profissional contemporânea”.

ATÉ ONDE VÃO AS INFERÊNCIAS DA CIÊNCIA?

Na madrugada de domingo do dia 12 de junho de 2016, aconteceu na cidade de Orlando (EUA) o maior massacre a tiros da história desse país⁶. O caso ocorreu numa boate voltada ao público LGBT e teve 50 mortos e pelo menos outras 53 pessoas foram feridas. O autor do atentado foi Omar Mateen, de 29 anos, um cidadão norte-americano muçulmano de origem afegã. Após esse acontecimento, múltiplas explicações foram elencadas para pensar a motivação do ataque. A descendência muçulmana de Omar foi imediatamente apontada como a causa que

⁶ Para mais informações: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/06/1780889-atentado-em-boate-e-o-pior-nos-eua-desde-o-11-de-setembro-veja-lista.shtml>>.

INTER-LEGERE

DIALOGOS (IM)POSSÍVEIS?: INTERSECÇÕES ENTRE SEXO, CORPO,
SEXUALIDADE E CIÊNCIA

Igor Fidelis Maria

Marcus da Silva Ferreira

Tarcísio Dunga Pinheiro

fomentou o ato, até porque o Estado Islâmico, alguns dias depois, assumiu ter relação com o ataque.

Porém, é cabível pensar se as motivações que incitaram Omar a agir são estritamente religiosas. O seu pai, Mir Siddique, declarou para a rede de notícias NBC que o ataque não teve nenhuma relação com religião, mas com uma repulsa pessoal a homossexuais. Partindo do fato de que os discursos psiquiátricos e o texto do DSM possuem forte influência no contexto estadunidense, qual o impacto que a categorização da homossexualidade enquanto patologia até 1986 tem para a opinião pública desse país? Sabe-se que esse manual psiquiátrico é um *best-seller* desde sua terceira edição, tendo sido citado inclusive em séries policiais sem a necessidade de maiores explicações sobre o que ele é. Talvez seja mais fácil colocar a culpa em uma cultura distante e exotizada do que repensar os próprios hábitos de violência correntes nos EUA, como a própria facilidade de acesso a armas de fogo e a constância de massacres desse tipo. Discursos de violência também são bastante presentes no ocidente, porém, em vez da religião, muitas vezes encontram respaldo da ciência para se fundamentarem.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5**: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 992p.

ATENTADO em boate... Disponível em:
<<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/06/1780889-atentado-em-boate-e-o-pior-nos-eua-desde-o-11-de-setembro-veja-lista.shtml>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

BENTO, Berenice. **A Reinvenção do Corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

CARVALHO, Edgar de Assis. Diálogos do corpo. In: ALMEIDA, Maria da Conceição; CARVALHO, Edgar de Assis. **Cultura e pensamento complexo**. Natal: EDUFRN, 2009. p. 119-131.

CARVALHO, Edgar de Assis. **Virado do avesso**. São Paulo: Selecta, 2005.

INTER-LEGERE

DIÁLOGOS (IM)POSSÍVEIS?: INTERSECÇÕES ENTRE SEXO, CORPO,
SEXUALIDADE E CIÊNCIA

Igor Fidelis Maria

Marcus da Silva Ferreira

Tarcísio Dunga Pinheiro

CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do labirinto/3**: o mundo fragmentado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade, vol. 1** – A vontade de saber. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

PRECIADO, Beatriz. *Cuerpos Inapropiables* (2014). Áudio disponível em: <<http://www.macba.cat/es/audio-beatriz-preciado-cuerpos-inapropiables>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

PRECIADO, Beatriz. **Manifiesto Contrasexual**. Barcelona: Anagrama, 2011.

SHELDRAKE, Rupert. **Ciência sem dogmas**: a nova revolução científica e o fim do paradigma realista. São Paulo: Cultrix, 2014.